



Universidade Federal  
de Campina Grande



CFP  
UFCG - Campus de Cajazeiras - PB

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**COSMO TORQUATO DE ANDRADE**

**UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS PARA POSSÍVEL  
IMPLANTAÇÃO DO ECOTURISMO DE BASE LOCAL NA SERRA DO TRAPIÁ,  
UMARI-CE.**

**CAJAZEIRAS-PB**

2019

**COSMO TORQUATO DE ANDRADE**

**UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS PARA POSSÍVEL  
IMPLANTAÇÃO DO ECOTURISMO DE BASE LOCAL NA SERRA DO TRAPIÁ,  
UMARI-CE.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão

**CAJAZEIRAS-PB**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB - 15/046  
Cajazeiras - Paraíba

A553p Andrade, Cosmo Torquato de.  
Potencialidades para possível implantação do ecoturismo de base local na Serra do Trapiá, Umari - CE / Cosmo Torquato de Andrade. - Cajazeiras, 2019.  
39f. : il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão.  
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2019.

1. Turismo. 2. Semiárido Nordeste. 3. Ecoturismo. I. Brandão, Marcelo Henrique de Melo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 338.48

2019

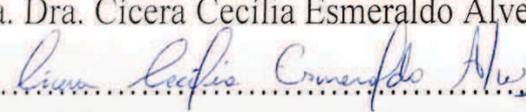
**COSMO TORQUATO DE ANDRADE**

**UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS PARA POSSÍVEL  
IMPLANTAÇÃO DO ECOTURISMO DE BASE LOCAL NA SERRA DO TRAPIÁ,  
UMARI-CE.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Geografia.

**Aprovada em: 05 / 12 / 2019**

**BANCA EXAMINADORA**

Avaliador
Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão (Presidente) 
Profª. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves 
Prof. Me. Marcos Assis Pereira de Souza 
<b>Média:</b>

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida, por ter guiado meus passos até esse momento, compreendo que cada momento de dificuldade pelo qual passei foi o que fortaleceu minha caminhada o que contribuiu para minha formação enquanto ser humano.

A base da minha educação, meus pais Cicero Torquato e Rita Maria, meus irmãos Francisco Torquato e Fernanda Torquato que sempre estiveram ao meu lado ajudando nos momentos difíceis e sorrindo nos alegres, sempre com muito amor, carinho e paciência. Também aos meus sobrinhos Sophia e Saulo, que são a alegria e o orgulho da nossa família.

Ao meu prezado orientador, professor Dr. Marcelo Henrique Brandão, por dedicar parte do seu tempo a minha orientação, como também por ter contribuído bastante na construção do meu conhecimento. Da mesma forma agradeço os estimados professores que compõe a banca examinadora, Ms. Marcos Assis e Dr<sup>a</sup>. Cícera Cecília pessoas que levarei sempre nas minhas lembranças.

Aos meus parentes e amigos que acompanharam minha jornada até aqui sempre me dando força para seguir, a turma 2015.1 do curso de Geografia a qual tive o enorme prazer de participar, onde fiz grandes amizades a todos os professores com o qual tive o privilégio de estudar, e ao programa institucional Residência Pedagógica.

Em especial ao grande amigo Francisco José Silva “Ribinho” (*in memoria*), ao meu tio Severino Antônio de Andrade (*in memoria*), pessoas com quem tive memoráveis momentos, esses sem dúvida seriam aos principais convidados na comemoração do título de graduação.

Ao meu amigo de infância Ms. Soares Elias, pelos momentos de conversas construtivas que tivemos não só durante o curso, mas em toda a vida, por sempre me incentivar e ajudar para que eu conseguisse chegar até aqui.

A todos os companheiros universitários das cidades de Umari-CE e Triunfo-PB, com quem dividi o transporte durante o curso.

Por fim a todos que contribuíram diretamente e indiretamente na realização desse sonho.

***Muito Obrigado!!!***

## RESUMO

O ecoturismo de base local é um segmento do turismo. A utilização desse termo é recente, porém sua prática não. O Brasil apresenta um grande potencial para desenvolvimento dessa atividade, possui ampla diversidade de atrativos, uma extensa faixa de litoral, florestas de variados tipos, rios perenes que percorrem grande parte do território. Nesses lugares está concentrada a maior oferta do ecoturismo do país, muito embora isso não queira dizer que os lugares menos favorecidos do ponto de vista geográfico, como o semiárido nordestino não tenham um potencial para o desenvolvimento dessa atividade. A falta de informação sobre o tema colabora com esse pensamento torto, de que somente os lugares vendidos pela mídia tem potencial turístico. Esse trabalho tem como objetivo mostrar que uma pequena comunidade localizada no semiárido nordestino no bioma caatinga tem potencial para o desenvolvimento de um segmento do turismo, o ecoturismo de base local. O estudo tem a como finalidade trazer um debate teórico do tema, e apresentar os elementos turísticos potencialmente identificados e como a comunidade pode desenvolver projetos a partir desses elementos, aproveitando e conservando os recursos naturais e culturais da sua localidade. Construindo a partir de observações *in loco* dos espaços e sujeitos, para entender como é formada a estrutura organizacional local, registros fotográficos foram feitos durante as visitas. Decorrente do estudo desenvolvido ficou evidente que a prática do ecoturismo de base local é uma realidade local, em uma escala muito pequena e de forma espontânea, os moradores locais não excita essa ideia. A inexistência de uma articulação conjunta na formulação de projetos acaba por não aproveitar os potenciais ali existentes.

**Palavras-chaves:** Ecoturismo de Base local, Semiárido Nordeste, Potencial.

## ABSTRACT

Locally based ecotourism is a segment of tourism. The use of this term is recent, but its practice is not. Brazil has great potential for the development of this activity, has a wide range of attractions, a long stretch of coastline, forests of various types, perennial rivers that run through much of the territory. In these places the largest supply of ecotourism in the country is concentrated, although this does not mean that geographically underprivileged places such as the northeastern semiarid do not have the potential for the development of this activity. The lack of information on the subject collaborates with this crooked thinking that only places sold by the media have tourism potential. This paper aims to show that a small community located in the northeastern semiarid in the Caatinga biome has the potential for the development of a tourism segment, the local based ecotourism. The purpose of the study is to bring a theoretical debate about the theme, and to present the potentially identified tourism elements and how the community can develop projects based on these elements, taking advantage of and conserving the natural and cultural resources of their locality. Building from on-site observations of spaces and subjects, to understand how the local organizational structure is formed, photographic records were made during the visits. As a result of the study, it became apparent that the practice of local ecotourism is a local reality, on a very small scale and spontaneously, local residents do not excite this idea. The lack of joint articulation in project formulation does not take advantage of the potentials there.

**Keywords:** Local-based ecotourism, Northeastern Semiarid, Potential.

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 01:** Mapa de Localização do Município de Umari- CE.

**Figura 02:** Mapa Geológico: Folha Sousa – CPRM.

**Figura 03:** Climograma de Umari – CE, Ano de 2015.

**Figura 04:** Mapa da Vegetação do Ceará.

**Figura 05:** Mapa de Localização da Serra do Trapiá.

**Figura 06:** Acampamento no Talhado Branco.

**Figura 07:** Talhado Branco.

**Figura 08:** Lajedo dos Cumarus.

**Figura 09:** Cumaru.

**Figura 10:** Santa de Pedra.

**Figura 11:** Pedra da Ponta Fina.

**Figura 12:** Corredeiras.

**Figura 13:** Corredeiras.

**Figura 14:** Trilhas

**Figura 15:** Paisagem observada da Trilha

**Figura 16:** Casa de Severino Andrade

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	11
2.1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1.1 A Atividade Turística.....	11
2.1.2 Ecoturismo e Sustentabilidade.....	15
2.1.3 Turismo de Base Comunitária.....	18
2.2 METODOLOGIA.....	20
<b>3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO</b> .....	22
3.1 O MUNICÍPIO DE UMARI-CE.....	22
3.2 CARACTERÍSTICAS GEOAMBIENTAIS DO MUNICÍPIO DE UMARI-CE.....	23
3.2.1 A Hidrografia.....	24
3.2.2 A Geologia.....	24
3.2.3 O Clima.....	26
3.2.4 A vegetação.....	27
<b>4. A SERRA DO TRAPIÁ E SUAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS</b> .....	29
4.1 ELEMENTOS POTENCIALMENTE IDENTIFICADOS.....	30
4.1.1 O Talhado Branco.....	30
4.1.2 Lajedo dos Cumarus.....	31
4.1.3 Pedra da Ponta Fina.....	31
4.1.4 Cachoeiras e Corredeiras.....	32
4.1.5 Trilhas.....	33
4.2 O TURISMO COMO GERADOR DE RENDA PARA A COMUNIDADE.....	33
4.2.1 A Comunidade no Planejamento.....	34
4.2.2 A Preservação dos Recursos Naturais na Serra do Trapiá.....	35
4.2.3 Conhecendo os Impactos.....	36
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## 1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a vida se tornou bem mais agitada nas últimas décadas, diante das grandes revoluções, o modo de vida como se conhecia passou por grandes modificações, as distâncias estão cada vez mais curtas, produtos e serviços estão cada vez mais presentes. Todo esse avanço tem provocado uma mudança no cotidiano das pessoas, sejam elas moradoras de um grande centro ou mesmo de um pacato povoado interiorano.

Desenvolvido em áreas rurais o turismo constitui-se como atividade alternativa, geradora de renda e está entre as práticas que podem contribuir para o desenvolvimento de certas regiões, mesmos as menos favorecidas geograficamente. Essas atividades turísticas devem ser consideradas como um elo na construção de um relacionamento harmonioso e respeitoso entre o excursionista e os sujeitos dos locais frequentados, visto que essa atividade proporciona aos turistas um contato direto com a natureza, possibilita a esses experiências mais íntimas de vivência com o meio rural, que não pode ser encontrado nos centros urbanos. Essa atividade vem crescendo cada vez mais porque há uma demanda maior de turistas na busca por locais distantes da vida nas cidades, visando encontrar nesses espaços naturais renovação espiritual, sossego e revitalização de forças físicas e mentais consumidas pelo cotidiano.

Esta pesquisa busca estudar a possibilidade de implantação do ecoturismo de base local em uma pequena comunidade da zona rural, onde a economia é mantida principalmente pela produção agrícola familiar, como na maioria das comunidades do semiárido nordestino. Propondo delinear uma relação mais proveitosa dos potenciais ali existentes, visando apresentar oportunidades aos moradores e aos órgãos governamentais de um possível desenvolvimento econômico no ramo do turismo. A partir desse estudo serão trabalhadas as dificuldades a serem enfrentadas durante o processo de reorganização espacial.

Este trabalho torna-se de extrema importância, pois poderá ser utilizado para dar esclarecimentos e também, no que se refere a servir de base para outros debates relacionados ao tema, que tenham por objetivo fazer um estudo mais aprofundado, proporcionando mais conhecimentos da temática, estabelecendo uma troca de ideias entre aqueles que buscam aprimoramento desse campo de estudo.

Tendo como propósito identificar e caracterizar possíveis locais com potencialidades para o desenvolvimento da prática do ecoturismo na Serra do Trapíá, sendo essa atividade complementar de baixos impactos ambientais.

A prática de atividade turística desenvolvida em uma pequena comunidade que não tem uma familiaridade com esse segmento da economia acarretará uma série de impactos

socioculturais, por menor que seja sua configuração. O espaço geográfico será modificado, não sendo possível assegurar que essas mutações tenham apenas efeitos positivos, e que as influências exógenas não tragam danos permanentes ao modo de vida local e ao meio ambiente. O ecoturismo de base local pode ser desenvolvido de maneira consciente, de forma benéfica, respeitando as limitações dos espaços, sempre moldado em um modelo sustentável.

Este trabalho está composto por cinco capítulos, sendo eles discriminados da seguinte maneira: na primeira parte está a introdução, na qual se apresenta uma noção geral de toda a estrutura do trabalho. Considera-se o desenvolvimento do ecoturismo de base local como um meio alternativo na geração de renda, no sítio Trapiá, zona rural do município de Umarí – CE.

Na segunda parte, expõe-se uma discussão teórica e conceitual, desenvolvida a partir de pesquisas feitas através de leituras de trabalhos científicos de importantes autores da geografia e também de outras áreas do conhecimento, que traz uma melhor percepção sobre as temáticas abordadas, ao decorrer desse estudo. Também, traz um detalhamento dos métodos e procedimentos da pesquisa.

Na terceira parte é feita uma apresentação do município, como se dar as relações de trabalho em uma pequena cidade, segue destacando as características geoambientais como: a hidrografia; a geologia; o clima e a vegetação. Proporcionando uma visão abrangente do território a qual pertence à área do estudo.

Na quarta parte é dedicada a apresentar a área de estudo, apresentando suas principais características, onde são apontadas as potencialidades para o desenvolvimento do ecoturismo de base local. Continua com a apresentação dos pontos identificados, descrevendo suas utilizações e possíveis aproveitamentos para uso turístico. Segue descrevendo como a comunidade deve ser inserida nesse contexto, como pode ser implantado um modelo de desenvolvimento local da comunidade. Para finalizar é feita as considerações finais, onde é destacada a importância da comunidade conhecer o ecoturismo de base local como uma maneira complementar na geração de renda.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO**

## 2.1 REFERENCIAL TÉORICO

### 2.1.1 A Atividade Turística

A prática do turismo precisa ser investigada como um aglomerado de diversas ligações que interagem de forma simultânea com ambientes econômicos, jurídicos, políticos, sociais, ambientais dentre outros. Dentre os diversos setores econômicos a prática do turismo faz parte do setor terciário, possuindo um grande potencial no movimento da economia, onde também age de forma indireta. A atividade turística possui indubitavelmente um grande potencial econômico capaz de gerar emprego e renda, e vem se destacando como um setor bastante rentável em todo o mundo. Impulsionado pela modernização em diversas áreas como transporte, comunicação dentre outros, o turismo ganha cada vez mais força devido seu sistema de organização, tanto nacional como internacional. No Brasil o planejamento turístico segue o Plano Nacional de Turismo, o qual orienta e elabora estratégias a serem seguidas. Definido segundo o Anuário Estatístico do Turismo (2017) o turismo é:

Atividades realizadas pelos visitantes durante uma viagem a um destino fora de seu entorno habitual, por uma duração inferior a um ano, com qualquer finalidade (lazer, negócios ou outro motivo) que não seja empregado por uma entidade (empresa/instituição) residente no país ou lugar visitado. (RIET, 2008, p. 10.)

Entretanto a prática do turismo em regiões menos favorecidas e mais remotas é uma realidade que precisa ser vista como um problema de cunho social e econômico. Diversas culturas e paisagens caem no esquecimento ou sequer chegam a serem percebidas, diante disso faz-se necessário trazer as questões como essa ao debate, na perspectiva de que a grande potencialidade esteja ela onde estiver alcance uma visibilidade significativa, e assim possa ser feita uma distribuição de eventos que possam sobrevir no campo do turismo, assim:

O turismo, quando geograficamente e economicamente concentrador, condena os lugares turisticamente *menos viáveis*, mesmo que próximos, à marginalidade, social, econômica e cultural. Este tipo de turismo massificado e pasteurizado perde na sua essência, ao manter os turistas distantes da cultura local e das comunidades tradicionais, oferecendo um produto mais industrial, menos natural e menos cultural. Os lugares aliados da onda turística permanecem à espera do turismo, como redenção para o estado de estagnação socioeconômica da comunidade. (PORTUGUEZ et al 2014)

Diante dessas questões é possível identificar quais as dificuldades da difusão do turismo nesses locais, corroborando com esses fatores também podemos destacar as condições geográficas que pode ser vista como uma repulsa diante da visão injusta daqueles que por

interesse ou falta de informação propagam diversos sofisma,<sup>1</sup> em menção às dificuldades encontradas pelo turismo no semiárido (PORTUGUEZ et al 2014) assim registrou:

No Sertão do Nordeste, durante os longos períodos de seca, a paisagem semiárida parece impedir qualquer forma de vida ou de sobrevivência. O clima sempre quente torna o ambiente insuportável em determinadas horas do dia. O manto vegetal mais parece um emaranhado de gravetos, espetos e espinhos. As folhas secas caídas pavimentam o chão rachado e pedregoso, sobressaindo-se as pedras nuas e dilaceradas queimando sob o sol escaldante.

As limitações precisarão ser entendidas não como uma impossibilidade, mas como uma adversidade que pode ser transformada pela ação humana, ou mesmo ser vista como um fascínio excêntrico a exemplo pode citar as atrações turísticas do Atacama, deserto mais árido do planeta, contudo é um grande complexo turístico como pode ser observado na revista *Roteiro de Aventura*, do autor Elias Luiz. Assim como as demais atividades econômicas o turismo pode adotar práticas que permitem interferir, transformar e consumir o espaço geográfico o que contribui para a sobrevivência humana, Santos (2008) explica que a natureza natural deixou de existir desde que o homem socializou-se, e tudo que se considerava como “natureza primeira” já foi transformada na “natureza segunda” em um contínuo processo, modificando o meio que até então era considerando como meio ecológico para um meio cada vez mais técnico e artificial.

É preciso levar em consideração que as atividades turísticas em um determinado espaço geográfico tende a transformá-lo e consumi-lo, fazendo alterações em diferentes escalas. Cruz (2001, apud TOMAZ, 2017, p.15) no tocante a questão considera que, a análise entre turismo e espaço geográfico deve:

[...] considerar o conjunto de relações em que se desenvolve a atividade, bem com suas dimensões global e local. O turismo representa apenas uma parte de um imenso jogo de relações. O turismo, tal como atividades - e concorrendo com elas - introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico.

Na medida em que um determinado espaço natural ou artificial torne-se um atrativo turístico, seu valor e significado são alterados, ganhando assim uma nova função, passando a sofrer alterações com a finalidade de um melhor aproveitamento do seu potencial, sem isso

---

<sup>1</sup> Argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa. Em um sentido popular, um sofisma pode ser interpretado como uma mentira ou um ato de má fé.

esses espaços não serão capazes de propor um suporte ao qual garanta a dinâmica que a atividade turística exige. Nessa perspectiva Cruz (2002, apud TOMAZ, 2017, p. 16) destaca que:

As paisagens artificiais criadas pelo turismo são resultantes de projetos, de planos ou de outros tipos de intervenção planejada sobre o espaço, movidas pelo objeto de (re) criar formas ou conjuntos de formas reconhecidamente atrativos para o turista. O turismo intervém na paisagem natural para criar um cenário turístico capaz de ser contemplado e ao mesmo tempo utilizado pelas pessoas em forma de lazer.

Santos (1988, apud TOMAZ, 2017, p. 16) dizem que “o conceito de paisagem na ciência geográfica refere-se a tudo aquilo que pode ser alcançado por meio de nossa visão. São as cores, os movimentos, os odores, os sons. Por esta mesma razão, a paisagem relaciona-se à dimensão da percepção e aos sentidos humanos”. Entende-se por visão a zona inicial da observação da paisagem, entretanto o homem é capaz de percebê-la por outros meios, em modo sensorial, por exemplo, onde é possível ouvir os gorjeios das aves, o som de uma cachoeira, o calor ou frio entre outros.

No tocante a paisagem e turismo Vieira e Oliveira (2012, p. 10) entendem da seguinte forma:

As belezas e os cenários exóticos divulgados pela publicidade turística e carregados de conteúdos simbólicos permeiam o imaginário humano, induzem o desejo pela viagem e posteriormente criam a motivação necessária para que o deslocamento do turista ocorra. Assim, a paisagem representa o primeiro contato do visitante com o destino turístico e por isso, figura-se como importante fator na determinação da atratividade local. Por isso que a paisagem não é percebida da mesma maneira por duas ou mais pessoas. (VIEIRA E OLIVEIRA, 2012, p. 10).

O conceito de paisagem é subjetivo, podendo ter sua categoria e valoração diferenciada em cada sujeito, assim o turismo usa desse fator para melhor comercializar seus produtos. As características visuais podem ser consideradas um dos fatores responsáveis pela escolha do destino, o que leva as empresas desse ramo a investirem em uma propaganda voltada ao visual.

O turismo, assim como outros ramos da economia sofre sistematicamente os efeitos da competitividade e das exigências da demanda, é preciso buscar fazer um atendimento diferenciado dos demais concorrentes, pois os consumidores buscam sempre por diversidades, é daí então, que surgem as diversas modalidades ou segmentos do turismo. Segundo o Ministério do Turismo (2006, p. 3), essas diferentes modalidades são compreendidas como:

Uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os seguimentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda.

Para Barros et al (2008), demanda turística é o número de pessoas que viajam para desfrutar das comodidades de um lugar turístico, e está intimamente ligada a motivos internos, isto é, as necessidades, motivações e preferências do turista.

A diversificação é uma maneira que os empreendedores do ramo turístico encontram para que o mercado consumidor encontre motivações, crie necessidades e encontre assim uma preferência em um determinado segmento. Dessa forma é possível entender quais as preferências de consumo e as tendências. Beni (2004, p. 05) conceituou em seu livro *Análise estrutural do turismo* os demais segmentos do turismo:

Ecológico; ecoturismo; rural; agro turismo; de aventura; climático e hidrotermal; paisagístico e hidrotermal; desportivo; cultural; étnico-histórico-cultural; turismo temático; educacional; cívico institucional; religioso; empresarial ou de negócios; congressual; incentivos; científico; de eventos fixos; sazonais; de oportunidades e monotemáticos; urbano; megaeventos; saúde; esotérico ou esoturismo; recreação e entretenimento; habitacional; habitação; sociofamiliar; terceira idade; hedonista; alternativo; especializados para novos segmentos de consumo; sexual; excentricidades; jogo ou cassinismo; endógeno; visual. (Beni, 2004, p.)

Essa grande diversificação das modalidades tem como intuito buscar atingir um público cada vez maior, atendendo todas as preferências que a demanda exige. Muito embora, toda essa diversidade, muitas vezes, acaba por si apresentarem de formas semelhantes, ou conjugadas, com o propósito de transformar o espaço turístico, tornando-o cada vez mais atraente para aqueles que o buscam.

Contudo é preciso observar as modificações do espaço onde o turismo está atuando, uma vez que o mesmo é mutável, pois estão expostas às diversidades de novos objetos e sujeitos ali inseridos, de acordo com Baldissera e Bahl (2012) as modificações que ocorrem nos destinos turísticos, causadas pela passagem de turistas e conseqüentemente pelo desenvolvimento da atividade, são chamadas de impactos do turismo. As conseqüências para economia são facilmente mensuradas, já as de efeito socioculturais que possuem um valor mais subjetivo, que tem sua natureza qualitativa, ocorrem o inverso. Dias (2003, apud TOMAZ, 201, p. 18) em relação aos impactos socioculturais define da seguinte forma:

[...] resultado de um tipo particular de relações sociais que ocorrem entre turistas e residentes como decorrência do estabelecimento do contato que provocam mudanças sociais e culturais na sociedade visitada – sistema de valores, comportamento individual, estrutura familiar, estilos de vida, manifestações artísticas, cerimônias tradicionais e organização social. (DIAS 2003, apud TOMAZ, 2011, p. 18).

Para que se possam alcançar os resultados positivos com a prática do turismo, é imprescindível que seja feito um planejamento valorativo, levando em consideração as características socioculturais e potencialidades do local, e assim possa ter o mínimo de negatividade, corroborando a eficácia desejada. “Assim o turismo sustentável contempla o planejamento e a gestão dos recursos naturais, econômicos, sociais e das necessidades estéticas, mantendo a integralidade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas de suporte à vida” (OMT<sup>2</sup>, 2003, apud SILVA e CANDIDO, 2016, p.478).

Dessa forma, com um bom planejamento e gestão, podemos trabalhar o desenvolvimento do turismo, valorizando os espaços, mantendo-os mais naturais possíveis, sem deixar de lado os propósitos econômicos, focando em manter os sujeitos locais inseridos nesse processo e transformando somente o necessário, mantendo a sua integridade cultural.

### 2.1.2 Ecoturismo e Sustentabilidade

No final dos anos 80 a comunidade internacional começa a se preocupar com os impactos ambientais que provocam alterações climáticas em todo o planeta. As conferências mundiais como a RIO- 92<sup>3</sup> trataram de propor um desenvolvimento sustentável, assim à procura pelo ecoturismo ganha uma força, pois segundo Cesar et al. (2007) “Isso acabou por estimular o interesse global e o grande crescimento do ecoturismo como uma estratégia de desenvolvimento sustentável”. A valorização da paisagem e o uso do espaço natural de forma consciente, segundo As Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (1994, p.18) constituem em:

Segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (EMBRATUR, 1994).

A proposta de estabelecer o conceito de ecoturismo como definição de turismo sustentável, é tema de debate entre vários teóricos, analisando termos podemos compreender os diversos pontos de vista entre os mesmos, o ecoturismo é visto como:

---

<sup>2</sup> Organização Mundial do Turismo.

<sup>3</sup> Foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no **Rio** de Janeiro, em junho de **1992**. Também conhecida como Cúpula da Terra, ela reuniu mais de 100 chefes de Estado para debater formas de desenvolvimento sustentável, um conceito relativamente novo à época.

- Um turismo de pequena escala;
- Mais ativo do que outras formas de turismo;
- Uma modalidade de turismo na qual a existência de uma infra-estrutura de turismo sofisticadas à sustentabilidade, além de ávidos por aprender mais sobre esses temas;
- Menos espoliativos das culturas e da natureza locais do que as formas “tradicionais” de turismo. (SWARBROOKE , 2000, p. 56)

Diversas são as contradições sobre a definição de que o ecoturismo seja essencialmente sustentável. Com a crescente busca pelo segmento ecoturístico, as grandes agências veem o grande potencial de lucro, começando a ampliar a demanda, o que se contrapõe a ideia anteriormente exposta. Assim o ecoturismo tende a ser massificado, e carregar com ele todos os problemas inerentes ao turismo de massa. Em ecossistemas frágeis os processos de degradação podem tornar-se irreversíveis.

Muitos são as conceituações usadas para definir o ecoturismo, a própria EMBRATUR<sup>4</sup> redefiniu seu conceito, que em primeira definição em 1991 classificou como:

Turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica.

O segmento empresarial brasileiro ligado ao ecoturismo formulou sua própria conceituação, baseada na definição oficial de 1994, descreveu o ecoturismo da seguinte forma:

O ecoturismo é a prática do turismo recreativo, esportivo ou educativo, que se utiliza de forma sustentável dos patrimônios natural e cultural, incentiva a sua conservação, promove a formação de consciência ambientalista e garante o bem-estar das populações envolvidas.

É perceptível uma evolução no que diz respeito à utilização do termo áreas naturais protegidas, envolvendo mais elementos tanto naturais como culturais, e expressando a preocupação social, como também demonstrando seu interesse comercial, atrelado ao lucro. A partir dessas definições apresentadas, fica em evidência que o ecoturismo está estruturado da seguinte maneira:

- É uma atividade econômica;
- Promove o uso sustentável dos recursos;
- Busca a consciência ambiental;
- Envolve as populações locais.

---

<sup>4</sup> Instituto Brasileiro de Turismo.

O ecoturismo pode ser fragmentado em suas ofertas, diversos segmentos podem ser produzidos em razão dos locais, uma vez que seu desenvolvimento ocorre em ambientes heterogêneos, cada um com suas peculiaridades. Bozzano (2001) apresenta em uma tabela, uma visão resumida de alguns tipos de oferta ecoturística de caráter representativo em termos mundiais, a saber:

#### **Caracterização da Oferta Ecoturística por Ecotemas**

<i>ECOTEMAS</i>	<i>AMBIENTES</i>	<i>SIGNIFICAÇÃO</i>
Paisagem e ecossistema de montanhas, glaciares, vulcanismo.	Áreas de montanhas, vulcões, altiplanos.	Valorização paisagística, conhecimentos de fenômenos geológicos e formas de vida.
Biodiversidade, ecossistemas, fauna e flora.	Áreas de selva, bosques, manguezais, alagados e uma gama variada de ecossistemas.	Interpretação de interrelações e processos dos ecossistemas, espécies de flora e fauna relevantes.
Espeleologia	Cavernas, grutas.	Formações geológicas, elementos singulares, usos antrópicos, traços culturais, biota.
Biota e paisagens marinhas, avifauna, flora e geologia.	Zonas marinhocosteiras.	Caracterização de paisagens, formações geológicas e biota associada.
Insularidade, geomorfologia, fragilidade, adaptação.	Ambientes insulares, arquipélagos.	Caráter de isolamento, análise de processos de evolução e diferenciação de unicidade e endemismo de espécies, intervenção antrópica.
Manejo da água, hidrologia, conservação de nascentes.	Áreas lacustres, quedas d'água e rotas fluviais.	Contemplação da paisagem, valores de produção, uso e conservação dos recursos hídricos. Obras humanas e usos.
Termalismo.	Fontes termais, balneários, mananciais e águas minerais.	Propriedades medicinais e de recuperação na natureza.

		Interesse por lugares e práticas tradicionais, banhos rituais.
Interação entorno cultural-ambiente natural.	Áreas culturais históricas, centros e monumentos, zonas arqueológicas, entomos naturais e urbanos.	Valores testemunhais, singularidade e diferenciação histórico-cultural relevante, ecologia humana.
Etnografia, integração ecocultural.	Territórios indígenas, comunidades tradicionais, assentamentos.	Identidade cultural, adaptação ao meio, entomos naturais modificados por práticas tradicionais, convivência cultural.
Agronaturalismo.	Espaços rurais, paisagem cultural ou adaptada.	Produção sustentável, cultivos agroecológicos, processos de recuperação de solos, reflorestamento, agroreflorestamento.

O autor da tabela propôs esse modelo dinâmico para facilitar o entendimento de como o mercado nacional e internacional vem se posicionando nessa atividade econômica.

### 2.1.3 Turismo de Base Local e Turismo Comunitário

No momento em que uma área apresenta um potencial para a implantação do turismo comunitário, essas características podem ser aproveitadas de várias formas, para favorecimento dos sujeitos que nela habitam, assim deve ser pensada a forma mais viável de implantação dessa atividade, que deve ser desenvolvida de maneira consciente e sustentável. Para Coriolano (2003, p. 14), o Turismo Comunitário é definido como:

[...] aquele desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passam a ser articuladores e os construtores de cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida; leva todos a se sentirem capazes de contribuir, e organizar as estratégias do desenvolvimento do turismo.

Quando desenvolvido em pequenos espaços a atividade turística deve ser cuidadosamente controlada, para evitar que seus recursos sejam explorados de forma

predatória, provocando o afastamento dos visitantes, não gerando o efeito esperado. Beni (1998, p.101) ressalta que todos os programas deverão estar orientados para políticas de preservação e conservação do patrimônio natural e cultural, estando dessa forma órgãos e entidades ligadas ao turismo articulados com as organizações públicas e privadas, na proteção das reservas naturais e dos valores culturais, evitando dessa maneira que os efeitos sobre aquele local seja negativo.

De acordo com Trigueiro (2001), o turismo não causa apenas impactos negativos, mas pode ser benéfica para uma localidade, à implantação do ecoturismo de base local em comunidades geograficamente menos favorecidas pode destacar-se positivamente. A inclusão do turismo de base local não pode ser compreendida como atividade principal de geração de renda, acabando com as práticas tradicionais de subsistência. Esse Desenvolvimento local segundo Carestiato (2000, apud Mattos e Irving, 2005, p. 27) é:

Um modelo de desenvolvimento que permite a construção de poder endógeno para que uma dada comunidade possa autogerir-se, desenvolvendo seu potencial sócio-econômico, preservando o seu patrimônio ambiental e superando as suas limitações na busca contínua da qualidade de vida de seus indivíduos.

Desenvolvimento local não pode ser confundido com crescimento econômico, e sim com melhorias na qualidade de vida dos moradores em uma determinada região, Para Perez e Carrillo (2000), desenvolvimento local corresponde a um novo enfoque do desenvolvimento, baseado em recursos endógenos:

(...) aquele processo reativador da economia e dinamizador da sociedade local que mediante o aproveitamento dos recursos endógenos que existem em uma determinada zona ou espaço físico é capaz de estimular e fomentar o seu crescimento- IRVING. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária 113 cimento econômico, criar emprego, renda e riqueza e, sobretudo, melhorar a qualidade de vida e o bem-estar da comunidade local (PEREZ e CARRILLO, op. cit., p. 48).

O modelo de aplicação da atividade turística partirá de um processo onde a comunidade determina qual será a melhor forma de desenvolvimento, criando seu próprio modelo. As modalidades devem ser de baixo ou nenhum impacto, evitando agressões e perturbação do ecossistema.

## 2.2 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos científicos são as bases de um trabalho acadêmico, proporcionando uma elaboração coerente dos processos serem seguidos, o que deixa claro quais processos investigativos, quais ações foram aplicadas e conseqüentemente o resultado final do estudo.

De maneira geral, serão utilizados como procedimentos metodológicos, para melhor análise dos objetivos do estudo em questão, os seguintes aspectos: o levantamento bibliográfico a análise do espaço, buscando entender como pode se dar o desenvolvimento das atividades, ali existentes, e as possíveis de serem implantadas, sempre trabalhando de forma ética, entre outros.

Adotando como método, o materialismo histórico e dialético<sup>5</sup>, para identificar os sujeitos da pesquisa, procurando saber quais os papéis que eles desempenham na sociedade, no que se refere a serem os protagonistas da atividade produtiva. Refletindo como eles estão estruturados, em termos de avanços e contradições existentes. Conforme, Diniz (2008),

O método dialético é uma possibilidade de caminho na construção do saber científico no campo das ciências humanas. Ele torna-se a trajetória percorrida pelo **sujeito** (pesquisador) na busca de conhecer e perceber-se na construção desse conhecimento do **objeto** (fenômeno/fato investigado) que se constrói e (des) constrói nas interações entre o sujeito e o objeto (DINIZ, 2008, p. 5).

O método dialético reconhece a dificuldade de se apreender o real, em sua determinação objetiva, por isso a realidade se constrói diante do pesquisador por meio das noções de totalidade, mudança e contradição. A noção de **totalidade** refere-se ao entendimento de que a realidade está totalmente interdependente, interrelacionada entre os fatos e fenômenos que a constitui. Já a noção de **mudança** compreende que a natureza e a sociedade estão em constante mudança e que elas tanto são quantitativas quanto qualitativas. Enquanto isso a noção de **contradição** torna-se o motor da mudança. As contradições são constantes e intrínsecas à realidade. As relações entre os fenômenos ocorrem num processo de conflitos que geram novas situações na sociedade (DINIZ, 2008, p.5).

É possível destacar as reflexões dialéticas nas contradições existentes dentro das comunidades, que se colocam como unidade, mas que terminam desenvolvendo as diferenças internas, ou seja, há um grupo favorável a um modelo de desenvolvimento sustentável e outros que negam este, como possibilidade.

---

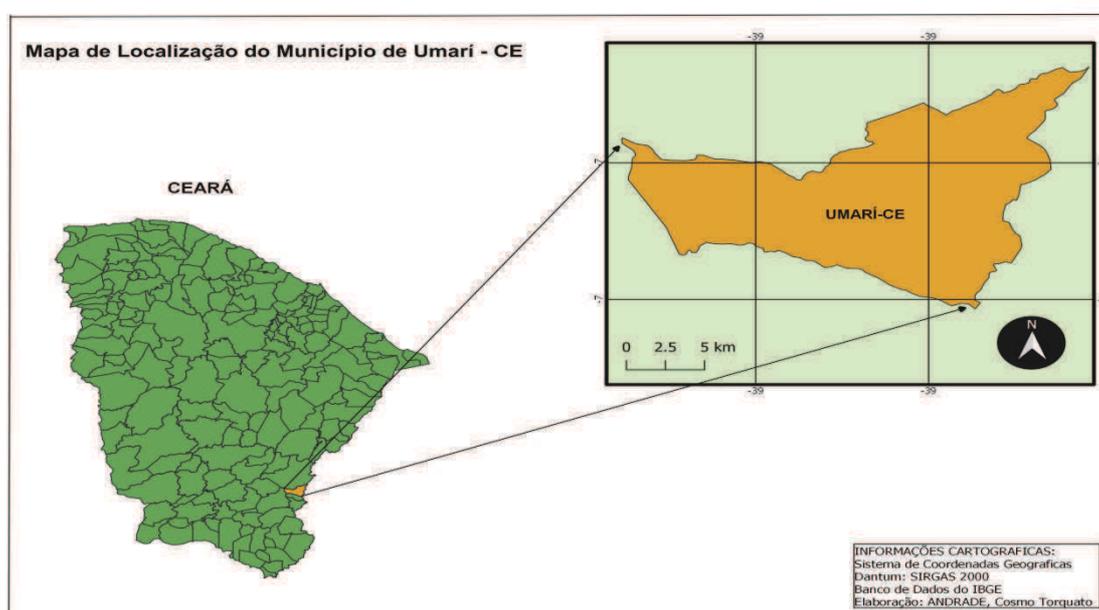
<sup>5</sup> O **Materialismo Histórico Dialético** surgiu, pois se percebeu a necessidade de um pensamento que aferisse a realidade de modo diferente, e em oposição, à concepção idealista da história. (<http://www.scielo.br/scielo>)

### **3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

#### **3.1 O MUNICÍPIO DE UMARÍ-CE**

Localizado no Centro Sul cearense o município de Umari pertence à região imediata<sup>6</sup> de Icó, a uma distância de 420 km aproximadamente da capital Fortaleza. Seu território compreende uma área de 265,520km<sup>2</sup>, sua população está estimada em 7,545 habitantes segundo o censo do IBGE do ano de 2010, a distribuição da população entre rural e urbana e quase que igualitária, sendo 51,93 residindo no meio urbano e 48,08 nas comunidades rurais, apresentando uma densidade demográfica de 28,42 hab/km<sup>2</sup>. Seus limites são os seguintes, a Leste encontra-se a o estado da Paraíba, cidade de Triunfo, ao Oeste Lavras da Mangabeira, ao Norte com Icó e Baixio ao Sul.

**Figura 01:** Mapa de Localização do Município de Umari – CE.



Fonte: Elaboração utilizando o programa Qgis, ANDRADE, Cosmo Torquato.

Atualmente o município é constituído de dois distritos, Pio X que se localiza entre a sede e a BR 116, e Logradouro que fica próximo à divisa com a Paraíba, as localizações dos dois estão relacionadas com as movimentações no município, tendo em vista que, a maior concentração populacional está próxima à estrada usada como passagem pelos comerciantes desde a sua formação. Sposito enfatiza que:

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século,

<sup>6</sup> As **regiões** geográficas intermediárias e **imediatas**, no Brasil, constituem a divisão geográfica regional do país, segundo a composição elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória (2008, p. 6).

As relações entre os dois espaços são muito estreitas, devido uma necessidade mútua, onde ambos se complementam, produtos primários são produzidos na zona rural e remetidos à cidade, que por sua vez fornece produtos industrializados para o campo, mais esses não são os únicos fatores que promovem essa forte ligação entre campo e cidade, ligações familiares, educação, saúde entre outros, todos eles aproximam os dois espaços.

Cada espaço tem suas peculiaridades, embora nos dias atuais muitas delas passem despercebidas devido à modernização e mecanização presente em ambos, mas isso não significa que haja uma urbanização ou ruralidade total, Hespanhol (1996, apud SANTOS, p. 106) “condições atuais do meio técnico-científico, os fatores de coesão entre a cidade e o campo se tornam mais numerosas e fortes”.

Como na maioria das pequenas cidades<sup>7</sup> que tem como principal fonte de receitas os repasses feitos pelo Governo Federal, Umari não foge a regra, sendo o setor público o maior empregador. A ausência de empresas no município faz com que ele não obtenha receitas internas significativas, o que determina uma influência do poder político. Essas estruturas funcionais veem desde suas origens tendo poucas mudanças referentes às suas fontes de renda, tendo destaque para agricultura que atualmente não é tão vigorosa como fora no passado. Vários fatores que causaram o desinteresse na produção agrícola familiar, como a desvalorização da mão de obra artesanal, a incapacidade de competir com os produtos do mesmo gênero vindo de regiões de agricultura mecanizada, e a oferta de salários melhores nos grandes centros, o que levou as gerações mais novas a migrarem em busca de uma melhor qualidade de vida.

## 3.2 CARACTERÍSTICAS GEOAMBIENTAIS DO MUNICÍPIO DE UMARÍ-CE.

### 3.2.1 A Hidrografia

---

<sup>7</sup> **Cidade pequena**, cidadezinha ou **pequena cidade** é um termo comumente usado em urbanismo para designar **idades** que abriguem menos de cinquenta mil habitantes. A quantidade de **pequenas cidades** no Brasil é grande, com quase 5000 **idades** pelo país nessa classificação, segundo o IBGE.

A cidade de Umari - CE encontra-se no domínio da Sub-bacia do Rio Salgado, uma das cinco que compõe a Bacia Hidrográfica do Rio Jaguaribe, que está localizado na parte sul do estado, nela encontra-se 23 municípios. Os principais cursos de água responsáveis pelo escoamento no município de Umari são os Riachos: Jenipapeiro, Trapiá, Galdino, Cabaceiras, Alegre, Cajueiro e Morada Nova. Todos esses cursos d'água exceto Morada Nova desaguardam primeiramente na Barragem do Jenipapeiro, sistema de captação que abastece Umari, Baixo e Ipaumirim.

### 3.2.2 A Geologia

A classificação das Unidades Geológicas do município feita pela CPRM<sup>8</sup> foi da seguinte maneira: nas partes baixas do relevo, depósitos aluvionares e de terraços, areias, cascalhos e argilas. Nas partes de relevos onduladas, Formação Santarém, micaxistos com granada estauroлита e sericita, hornblenda-biotita gnaisses, com lentes/camadas de quartzitos (q) e mármore (m). Nas partes mais altas, Suíte Intrusiva Itaporanga: granitos, granodioritos e quartzo monzogranitos porfiríticos (fenocristais de feldspato com 2cm a 5cm de comprimento), associados à dioritos (apresentando fácies intermediárias de mistura magmática); calcialcalinos de alto K. itb - sienogranitos e quartzo sienitos de Brejo dos Santos; itm - granitos grossos a porfiríticos tardios de Maniçoba. 571 Ma.

#### **Figura 02:** Mapa Geológico: Folha Sousa- CPRM.

---

<sup>8</sup> CPRM é uma empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia.



Situada em uma área de influência direta da Zona de Convergência Intertropical-ZCIT, assim as precipitações são concentradas nos primeiros meses do ano, com uma observação média de 830,2 mm, segundo dados fornecidos pela FUCEME<sup>9</sup>. Através dos dados coletados pelo instituto INPE<sup>10</sup>, ano 2018, é possível definir o município de Umari como uma área de clima semiárido quente (BSh) (FUCEME, 2018). O clima semiárido é caracterizado pela EMBRAPA<sup>11</sup> por:

[...] escassez de chuvas e grande irregularidade em sua distribuição; baixa nebulosidade; forte insolação; índices elevados de evaporação, e temperaturas médias elevadas (por volta de 27°C). A umidade relativa do ar é normalmente baixa, e as poucas chuvas - de 250 mm a 750 mm por ano - concentram-se num espaço curto de tempo, provocando enchentes torrenciais. Mesmo durante a época das chuvas (novembro a abril), sua distribuição é irregular, deixando de ocorrer durante alguns anos e provocando secas. A vegetação característica desse tipo de clima é a xerófila (Caatinga). Esse tipo de clima predomina no interior da Região Nordeste, norte de Sergipe, oeste de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, e centro, noroeste, norte e nordeste da Bahia.

Com essas médias de precipitação anual a região encontra-se um pouco acima do limite pelos quais se define as regiões semiáridas, a qual é estimada em 800 mm (RADAMBRASIL<sup>12</sup>, 1981).

As temperaturas variam de acordo com os meses do ano, as mínimas ficam entre 20° e 23° C, e as máximas entre 30° e 40°C. Outubro e Novembro registram os meses mais quentes do ano, chegando a atingir 40° C de máxima, e 23°C de mínima, nos meses de Junho e Julho são registradas as temperaturas mais amenas do ano com máximas de 30° C e 20° de mínimas, implicando em uma amplitude térmica<sup>13</sup> máxima de 17°C, como podemos analisar no climograma a seguir;

### Figura 03: Climograma de Umari – CE.

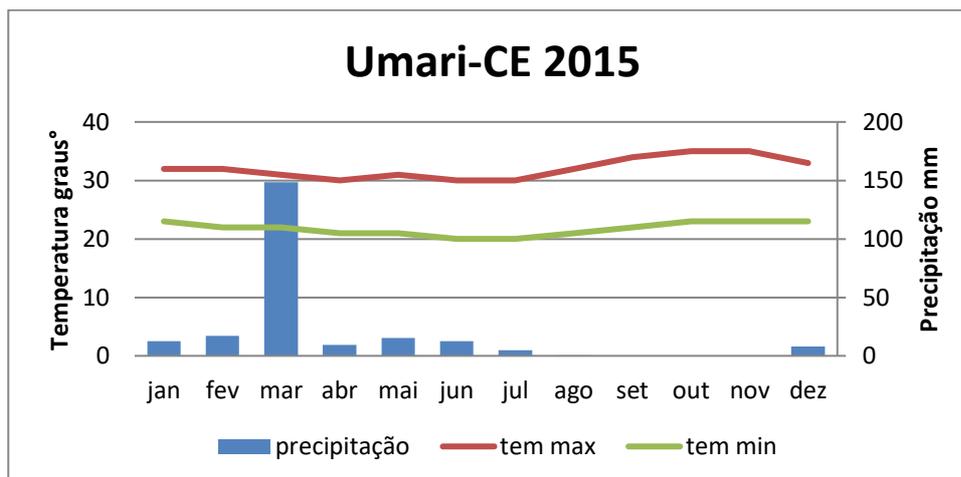
<sup>9</sup> Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos.

<sup>10</sup> Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

<sup>11</sup> A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

<sup>12</sup> O **Projeto RADAM** foi um esforço pioneiro do governo brasileiro na década de 70 para a pesquisa de recursos naturais, sendo organizado pelo Ministério de Minas e Energia através do Departamento Nacional da Produção Mineral.

<sup>13</sup> **Amplitude térmica** é a diferença entre a temperatura máxima e a temperatura mínima registradas num determinado período de tempo.



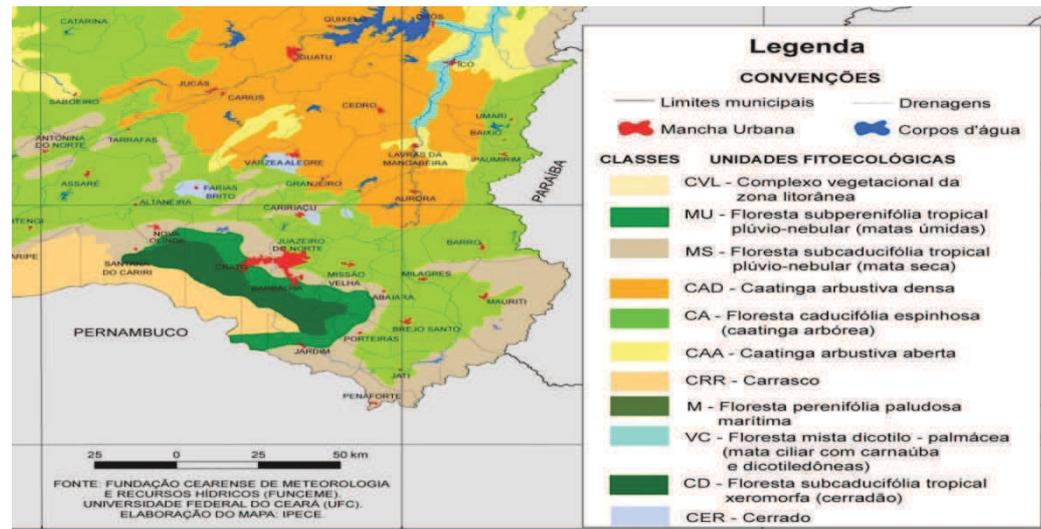
Fonte: Elaboração própria, utilizando dados da FUNCEME.

### 3.2.4 A Vegetação

A formação vegetal é uma combinação do clima com os tipos de solos, essa combinação determina o tipo de cobertura vegetal. Segundo o IPECE <sup>14</sup>2007 a vegetação nativa presente no município de Umari é do tipo Caatinga, dividida em duas unidades Fitoecológicas. Na parte leste do município onde se encontra a área de pesquisa, Serra do Trapiá a tipo Floresta Caducifólia Espinhosa (caatinga arbórea) composta principalmente por arvores de grande porte como a Aroeira (*Astronium urundeuva*), a Braúna (*Schinopsis brasiliensis*) e o Angico-vermelho (*Anadenanthera macrocarpa*), e ao oeste a Caatinga arbustiva densa, as espécies mais frequentes nas Caatingas Arbustivas são: jurema (*Mimosa hostile*), catingueira (*Caesalpinha bracteosa*), sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), marmeleiro-preto (*Cróton sonderianus*), mandacaru (*Cereus jamacaru*) e entre outras (IPECE, 1995).

<sup>14</sup> Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

Figura 04: Mapa da vegetação do Ceará.

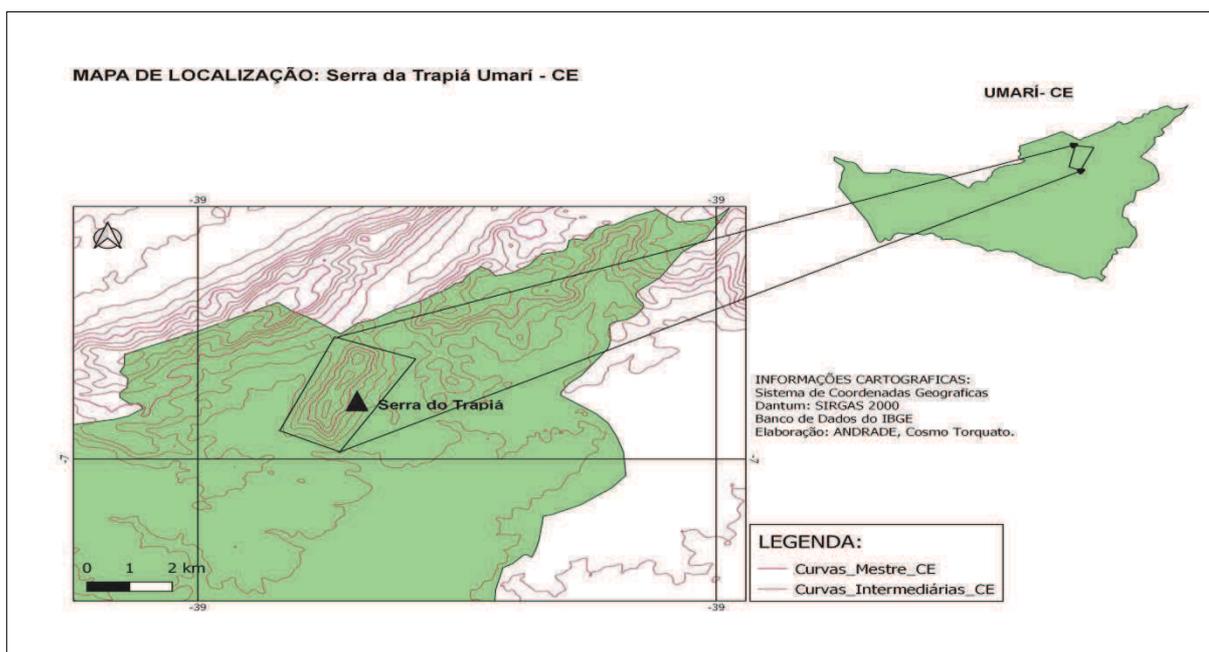


Fonte: IPECE, adaptado.

#### 4. A SERRA DO TRAPIÁ E SUAS POTECIALIDADES TURÍSTICAS

A área de estudo corresponde a uma parte da Serra do Trapiá, pertencente ao domínio Jaguaribeano, sua formação geológica é datada da Era Paleozoica do Período Cambriano 571 milhões de ano.

**Figura 05:** Mapa de Localização da Serra do Trapiá.



Fonte: Elaboração utilizando o programa Qgis, ANDRADE, Cosmo Torquato.

A procura por locais exóticos vem ganhando destaque nos roteiros turísticos, uma demanda atraída pelo contato com lugares de difícil acesso, torna áreas pouco habitadas propícias para desenvolvimento de modalidades do ecoturismo, e a prática de alguns ecotemas. A Serra do Trapiá apresenta diversos locais com potencial para implantação de atividades recreativas, podendo englobar uma classe de sujeitos que buscam disfrutar da privacidade e singularidade encontradas em locais de pouco acesso.

A área estudada está em uma altitude media de 320 metros na parte inferior, onde começa as trilhas de acesso, em seu topo a elevação atinge 630 metros, com um percurso de aproximadamente 500 metros, sendo um trajeto bastante íngreme. A vegetação apresenta-se bem preservada até o chegar ao topo, onde a superfície é aplainada e a composição da cobertura vegetal é visivelmente degradada, no passado foram bastante utilizadas para o cultivo de algodão milho e fava, nessa parte plana as grandes arvores arbórea quase não são vistas.

A Serra apresenta vários elementos naturais potencialmente atrativos, sendo que alguns desses já recebem visitas de grupos de pessoas que buscam o contato e observação das belezas naturais ali encontradas, retiros religiosos também são comuns. Analisando esses pontos já conhecidos pelo público e outros que possam vir a despertar interesse, foi feita a identificação e classificação, utilizando os nomes e informações fornecidas por moradores, onde *a priori* não se tinha uma nomenclatura popular foi atribuído uma denominação.

#### 4.1 ELEMENTOS NATURAIS POTENCIALMENTE IDENTIFICADOS.

##### 4.1.1 Talhado Branco

**Figura 06:** Acampamento no Talhado Branco. **Figura 07:** Talhado Branco.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

O Talhado Branco se destaca como o principal ponto de visita, os grandes blocos rochosos, um grande maciço residual<sup>15</sup>, localizado a 620 metros na aba da serra é avistado de quase todo o município de Umari e cidades vizinhas, como Santa Helena-PB, Triunfo-PB, Baixio-CE e Ipaumirim-Ce. Propício à prática do rapel. O Talhado Branco já recebe profissionais e amadores desse segmento, também existem várias cavernas que são utilizadas como ponto de observação da paisagem, dali é feitos os principais registro fotográficos dos frequentadores. A vegetação arbórea no entorno do maciço é propício à prática do arborismo.

##### 4.1.2 Lajedo dos Cumarus

<sup>15</sup> Unidade geológica considerada como um conjunto de blocos de rocha e as discontinuidades que os limitam.

**Figura 08:** Lajedo dos Cumarus.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

**Figura 09:** Cumaru.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

O Lajedo dos Cumarus como é conhecido recebeu esse nome devido à presença de muitas árvores da espécie Cumaru-nordestino (*Amburana cearenses*) nesse local, planta característica dos biomas caatinga e cerrado, a busca da madeira para uso artesanal na fabricação de moveis provocou a diminuição. Localizado na metade do percurso o local é caracterizado por um afloramento rochoso<sup>16</sup>, formando uma lareira utilizada como ponto de descanso para quem pretende chegar ate o Talhado Branco, mas também lugar mais frequentado nos retiros espirituais, isso por conta da maior facilidade, sendo que a trilha até o topo a partir desse ponto se torna mais íngreme, o que exige um maior preparo físico.

#### 4.1.3 Pedra da Ponta Fina

**Figura 10:** Santa de Pedra.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

**Figura 11:** Pedra da Ponta Fina.

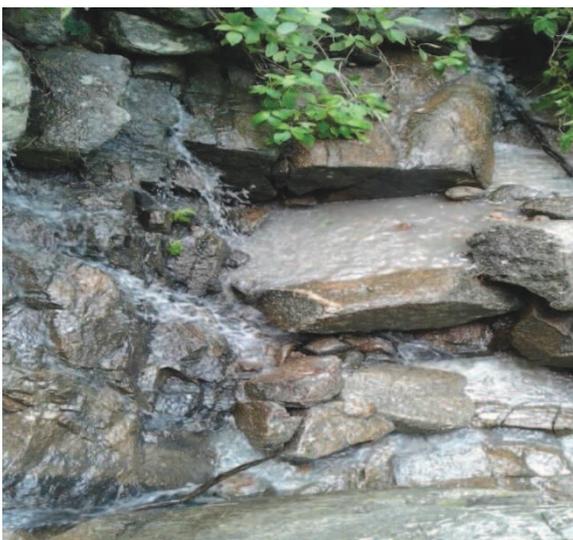
Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

<sup>16</sup> Os **afloramentos rochosos** são, por definição, a exposição de uma rocha na superfície da Terra.

Um dos locais com maior dificuldade de acesso, sua vegetação é densa próxima às encostas de rochas cristalinas. Formas pontiagudas podem ser observadas em várias partes do afloramento rochoso, motivo pelo qual essa parte da serra recebeu o nome Serra da Ponta Fina, em uma dessas formações a moradores locais e visitantes, afirmam ser uma santa de pedra. O acesso ao local da “santa de pedra” é muito difícil, fica em um local muito íngreme, mesmo assim é comum, religiosos e curiosos visitarem o local.

#### 4.1.4 Cachoeiras e Corredeiras

**Figura 12:** Corredeiras.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

**Figura 13:** Corredeiras.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Ao longo das trilhas e em pontos mais isolados da serra são encontradas pequenas cachoeiras e corredeiras, algumas utilizadas para banhos pelos visitantes, apenas na quadra chuvosa<sup>17</sup> do ano. A falta de limpeza nos acessos a alguns desses locais traz efeito repulsivo, de um local com exuberante beleza.

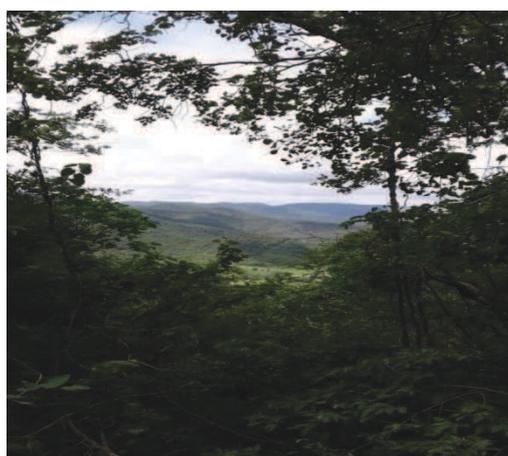
#### 4.1.5 Trilhas

**Figura 14:** Trilha.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

**Figura 15:** Paisagem observada da trilha.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Utilizadas para chegar ao topo da serra o percurso por si só já se destaca como um atrativo turístico, belas paisagens são encontradas ao longo do percurso, uma oportunidade para quem procura aventura e contato com o natural. A caminhada contemplativa é uma atividade ecoturística de baixo impacto, o principal objetivo do público que busca essa atividade é apreciar a natureza e observar os animais.

## 4.2 O Turismo Como Gerador De Renda Para A Comunidade

---

<sup>17</sup> Corresponde ao período de maior participação de chuvas no nordeste, sistema que atua para o regime de chuvas é a Zona de Convergência Intertropical, principalmente do mês fevereiro a maio.

As atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, por pequenas comunidades, podem ser estabelecidas através das ofertas de serviços, equipamentos e produtos, sendo eles:

- Hospedagem: A oferta pode partir dos próprios moradores, casas abandonadas podem ser reformadas e oferecidas para hospedagem.
- Alimentação: A culinária a partir de comidas caseiras é bastante atrativa, assim as refeições podem ser oferecidas nas próprias residências, feita em pequena escala.
- Visitas às propriedades rurais: Passeio em cavalos visita a açudes e banhos de cacheira em fazendas são bastante procurados por turistas desse segmento.
- Recreação, entretenimento e atividades de caráter pedagógico com contexto rural.
- Atividades praticadas em função da visita ao local.

Para que aconteça uma experiência positiva na geração de renda é fundamental o envolvimento da comunidade como protagonista principal. É importante que os sujeitos conheçam e valorize o local, busque desenvolver formas de valorizar seu patrimônio. A partir daí pode começar a agregar valores aos produtos e serviços ofertados, buscando sempre analisar o perfil do consumidor, observando quais os períodos que a demanda aumenta e diminuem o que ajuda no planejamento e investimentos. O preço cobrado e a qualidade no serviço implicam diretamente na atratividade, exigindo que os empreendedores sejam flexíveis, busquem diferenciar as ofertas, podem-se comercializar produtos que destaque a identidade local, aumentando no máximo a participação de toda comunidade.

O controle deve estar centrado a partir do planejamento até o desenvolvimento e à gestão das atividades, para que desta maneira venham a oferecer uma melhor qualidade de vida dos envolvidos. Assim, o turismo comunitário é desenvolvido de maneira associada às demais atividades econômicas praticadas pela comunidade, alavancando propostas que valorizem e fortifiquem as atividades que já são a principal geradora de renda local. A maneira como se trabalha a integração do turismo e das diversas atividades reflete nos resultados positivos.

O processo de desenvolvimento local pode também ser compreendido como sendo aquele que acontece de baixo para cima, ou seja, apresentando as potencialidades socioeconômicas oriundas do próprio local, ao invés de um modelo imposto de desenvolvimento que parte de cima para baixo, na tentativa de trazer elementos externos como sendo prioridades. A partir do modo de vida local, das atividades desenvolvidas é que se pode construir um plano de desenvolvimento inclusivo.

#### 4.2.1 A Comunidade no Planejamento

O planejamento de implantação do ecoturismo em pequenas comunidades deve ser pensando como uma geração alternativa de renda, quem tem como principais beneficiários os moradores locais, mas para que o desenvolvimento aconteça é necessária à capacitação para receber os visitantes. A educação ambiental deve ser o maior investimento da comunidade para atrair o turista, uma vez que os ecoturistas não exigem sofisticadas, e sim uma boa preservação do patrimônio natural e cultural. Sendo um meio de complementar de renda trona-se inviável um grande investimento na capacitação da mão de obra, uma alternativa possível é buscar cursos de capacitações online, que são oferecidos gratuitamente por diversas instituições.

O modelo de desenvolvimento deve ser pensado no ser humano, buscando construir sua autonomia e liberdade, ou seja, na construção e formação do ser com seus direitos e deveres assegurados pela nação, como Sen (2000) coloca, a seguridade protetora, o direito ao voto, a saúde, a educação, a moradia e todos os direitos básicos aos quais os seres humanos têm assegurado através dos direitos universais humanos. Desta maneira, não basta dar soluções para ganho imediato, é necessário fazer algo a mais, é preciso estimular o conhecimento, despertando a curiosidade e explorar as possibilidades, para que assim ele seja capaz de trilhar seu próprio caminho e alcançar o seu desenvolvimento e estabelecendo sua liberdade.

#### 4.2.2 A Preservação Dos Recursos Naturais Na Serra do Trapiá.

A Serra do Trapiá pertence a uma mesma família a mais de um século, o agricultor Severino Antônio de Andrade (*in memoria*) tomou posse da propriedade no início do século XIX, por meio de concessão de terras. Durante décadas a utilização dos recursos naturais ocorreu de forma predatória, o cultivo de algodão milho e fava juntamente como a pecuária extensiva, ocasionava desmatamentos e queimadas, afetando toda a biodiversidade local. Felizmente a realidade da Serra atualmente é outra, o desmatamento para o cultivo de lavoura tem diminuído significativamente nas últimas décadas, favorecendo a recuperação de áreas degradadas.

**Figura 16:** Casa de Severino Andrade.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Atualmente a área que compreende a serra está sobre administração dos familiares que descende do proprietário, que são grande parte da comunidade. Sua exploração está limitada a criação de bovinos no período chuvoso, visto que durante a estiagem a falta d'água assola as regiões semiáridas nordestinas, pequenas quantidades de madeira são retiradas de maneira não sistemática, para a manutenção dos cercados. Embora sua flora venha se recuperando aos poucos, a área ainda está ambientalmente vulnerável, a fauna correm sérios riscos, a principal ameaça é a caça predatória em toda sua extensão, a falta de fiscalização dos órgãos competentes e a falta de conscientização dos moradores locais, proporciona varias expedições de caçadas.

#### 4.2.3 Conhecendo os Impactos.

Mensurar os impactos seja positivo ou negativo não é tão simples quanto parece. É preciso fazer uma avaliação detalhada para assim identificar quais as principais modificações ocorridas a partir de influências de elementos externos. A saber, que os pontos são:

##### Positivos

- Geração de emprego local;
- Valorização da mão de obra domestica;
- Estimula a preservação das áreas naturais;
- Diversifica a economia local;
- Promoção do desenvolvimento local, diminuindo as desigualdades.

##### Negativos

- Estimula o comercio ilegal da fauna e flora;
- Poluição do ambiente;
- Alteração do modo de vida local;

É necessário que o planejamento seja desenvolvido com o pensamento de diminuir os efeitos negativos, buscando sempre tomar cuidados que muitas vezes são simples, mas são essenciais para que o êxito da atividade seja possível.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário compreender como se dar o processo de organização social e espacial de um lugar, para que seja possível desenvolver uma proposta de intervenção, no modelo existente. Desenvolver práticas sustentáveis em uma sociedade ligada ao consumo excessivo estimulado pelo sistema capitalista de produção, pode ser um pouco utópico na visão de muitos, entretanto tem aqueles que buscam um caminho oposto. Vive-se em momento em que se tem acesso a uma infinidade de tecnologias, independente de estar em um grande centro ou em uma pequena cidade, porque a Globalização está diminuindo as distâncias.

Desenvolver um trabalho voltado ao ecoturismo de base local é bastante desafiador, é necessário primeiramente que a comunidade seja esclarecida dos impactos, quem nem sempre são apenas positivos. É essencial conscientizar que essa nova atividade vem como uma complementação da sua subsistência, pois não tem segurança econômica, devido ao pequeno e irregular fluxo de visitantes, e que o modelo tradicional que movimentava a economia local deve ser a principal atividade.

O ecoturismo de base local vem pensado na forma de atividade sustentável, pois se trata da utilização consciente dos recursos naturais, e preservação cultural de forma esclarecedora. O conhecimento empírico dos moradores juntamente com ações educativas e a utilização de trabalhos com esse, deve proporcionar uma redução nos efeitos negativos causados a partir da introdução de elementos endógenos dentro do modo de vida local.

Desta forma, procuramos demonstrar a importância e os benefícios que o ecoturismo de base local pode oferecer tanto para o meio ambiente como para a sociedade, ao apresentar a esses, uma forma de desenvolver em seu próprio meio outra atividade capaz de auxiliá-los na geração de renda. Com isso, promover o incentivo a essa atividade sempre de forma consciente e sustentável, permitindo assim que não só essa geração, como também as futuras, possa ter uma melhor qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Luana Maria. BAHL, Miguel. **Turistas e moradores locais: Uma reflexão teórica dessa relação.** Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Turismo e Paisagem: relação complexa, 2012.

BARROS, Marcelo Oliveira. SILVA, Sibebe Castro. GRANERO, Arlete Eni. FILHO, Hélio Braga. **O Desenvolvimento do Turismo: Uma visão sistêmica.** Anais do 4º Congresso Brasileiro de Sistemas. Centro Universitário de Franca Uni-FACEF. 20

BENI, M.C. **Mesa redonda: gestão de turismo no Brasil.** *Revista de Administração*, São Paulo, v.3, n.4, p.5-25, out./dez. 1998.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004 – 10ª ed. atual.

BOZZANO, D. P. **Plantificación e desarrollo de productos ecoturísticos desde la perspectiva de la sostenibilidad.** Cuiabá: OMT/Embratur, 2001.

BRASIL. **Ecoturismo Diretrizes para uma política Nacional.** Embratur/Ibama. Brasília: MICT/MMA, 1994, 48p.. Disponível em:<[http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr\\_proecotur/\\_publicacao/140\\_publicacao20082009043710.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr_proecotur/_publicacao/140_publicacao20082009043710.pdf)> Acesso em: 21 de Novembro de 2018.

CIRINO, Fernanda Oliveira Cirino. **A Produção do Espaço Geográfico pelo Turismo: Um Estudo de Caso no Litoral da Praia do Morro – Guarapari (ES).** Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.geo.ufv.br/wp-content/uploads/2013/08/Fernanda-Oliveira-Cirino.1-40.pdf>> Acesso em: 21 de novembro de 2018.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Turismo de inclusão e desenvolvimento local.** Fortaleza: FUNECE. 2003. 368p.

DINIZ, Célia Regina. SILVA, Iolanda B. **Metodologia científica.**– Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/12.htm>

<https://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/clima.htm>

IPLANCE. Atlas do Ceará. Fortaleza, 1995. 64 p.

LUIZ, Elias. **Roteiro de Aventura**. Revista digital, vol. Uni. Disponível em: <[http://www.extremos.com.br/Roteiro/Atacama/PDF/ROTEIRO\\_DE\\_AVENTURA\\_Atacama.pdf](http://www.extremos.com.br/Roteiro/Atacama/PDF/ROTEIRO_DE_AVENTURA_Atacama.pdf)> Acesso em 22 de Novembro 2018.

MATTOS, Flávia Ferreira; IRVING, Marta de Azevedo. “**Nos rumos do ecoturismo e da inclusão social. O caso da Resex Marinha do Delta do Parnaíba (MA/PI)**”. In: Caderno Virtual de Turismo, dezembro/2005.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Estatístico de Turismo 2017 – Ano Base 2016**. Disponível em: <<http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05/item/347-anu%C3%A1rio-estat%C3%ADstico-de-turismo-2017-ano-base-2016/347-anu%C3%A1rio-estat%C3%ADstico-de-turismo-2017-ano-base-2016.html>> acesso em: 20 de Novembro de 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Marcos\\_Conceituais.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf)> Acesso em: 23 novembro 2018.

OLIVEIRA, Luana de Sousa. SILVA, Yolanda Fores e. **A Importância e as Relações entre Paisagem e a Atividade Turística: o caso de Santa Rosa de Lima- SC**. In: V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR. Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, RS, Brasil 27 e 28 de Junho de 2008.

PEREZ, B.; CARRILLO, E. **Desarrollo local: Manual de uso**. Madrid: Esic, 2000.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. FREITAS, Bruno De. OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda. **Turismo sertanejo: a comunidade, o lugar e os saberes locais**. Ituiutaba, Barlavento, 2014.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Sen, Amartya Kumar. 2000”Desenvolvimento como liberdade”. São Paulo: Companhia das Letras.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **CAPITALISMO E URBANIZAÇÃO**. São Paulo, 15 ed. 1ª reimpressão. Contexto, p. 6,2008.

SILVA, Nicole Cavalcanti. CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. **Sistema de indicadores de sustentabilidade do desenvolvimento do turismo: um estudo de caso do município de Areia – PB**. In: Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 10(3), pp. 475-496, set./dez. 2016.

TOMAZ, Benedita Martins. **Turismo e sustentabilidade: um estudo sobre os recursos turísticos potenciais na serra de Santa Catarina, São José da Lagoa Tapada-PB / Benedita Martins Tomaz. - Cajazeiras, 2017.**

TRIGUEIRO, C.M. **Marketing & turismo: como planejar e administrar o marketing turístico para uma localidade**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001. p.85.

VIEIRA, Laíze Leite. OLIVEIRA, Ivanilton José de. **Turismo, Espaço e Paisagem: Uma Abordagem Geográfica da Escolha de Destinos Turísticos na Era Digital**. IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. 30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo.